

Estudos de textualidade do Brasil, Galicia e Portugal

Abriu

2023 | n.º 12

Saramago e o transiberismo



UNIVERSITAT DE
BARCELONA

Estudos de textualidade do Brasil, Galicia e Portugal

Abriu

ABRIU: ESTUDOS DE TEXTUALIDADE DO BRASIL, GALICIA E PORTUGAL is an annual scientific journal edited by Estudis Gallecs i Portuguesos, and Universitat de Barcelona. Its goal is to offer the academic community a space for debating textuality (literature, films, scenic arts, music...) in the frame of Brazilian, Galician and Portuguese studies with a plural methodological approach. Each issue consists of a monograph, along with miscellaneous articles, an open space and book reviews. It is recognized by the University of Barcelona and it is published simultaneously in print and electronically with free access (<https://revistes.ub.edu/Abriu>).

EDITOR

María Xesús Lama López (*Universitat de Barcelona, Spain*)

EDITORIAL BOARD

Nazir Ahmed Can (*Universitat Autònoma de Barcelona, Spain*)

Pere Comellas (*Universitat de Barcelona, Spain*)

Helena González Fernández (*Universitat de Barcelona, Spain*)

Elena Losada (*Universitat de Barcelona, Spain*)

Antonio Maura (*Academia Brasileira de Letras, Brazil*)

Maria de Lourdes Pereira (*Universitat de les Illes Balears, Spain*)

Isabel Soler (*Universitat de Barcelona, Spain*)

Amílcar Torrão Filho (*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*)

Ignacio Vázquez (*Universidade da Beira Interior, Portugal*)

ASSISTANT EDITOR

ANTÓN Blanco Casás

SCIENTIFIC COMMITTEE

Maria Fernanda Abreu (*Universidade Nova de Lisboa, Portugal*)

Burghard Baltrusch (*Universidade de Vigo, Spain*)

Arturo Casas (*Universidade de Santiago de Compostela, Spain*)

José Colmeiro (*The University of Auckland, New Zealand*)

Catherine Davies (*University of London, United Kingdom*)

António Apolinário Lourenço (*Universidade de Coimbra, Portugal*)

Luís Augusto Fischer (*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brazil*)

Mauri Furlan (*Universidade Federal de Santa Catarina, Brazil*)

Helena Miguélez-Carballeira (*Bangor University, United Kingdom*)

Javier Gómez-Montero (*Universität Kiel, Germany*)

Carlos Paulo Martínez-Pereiro (*Universidade da Coruña, Spain*)

Cláudia Pazos-Alonso (*University of Oxford, United Kingdom*)

Isabel Pires de Lima (*Universidade do Porto, Portugal*)

Carlo Pulsoni (*Università di Padova, Italy*)

Dolores Vilavedra (*Universidade de Santiago de Compostela, Spain*)

Estudos de textualidade do Brasil, Galicia e Portugal

Abriu

2023 | n.º 12

Saramago e o transiberismo



UNIVERSITAT DE
BARCELONA

Edicions



UNIVERSITAT DE
BARCELONA

Estudis Gallecs i Portuguesos



TABLE OF CONTENTS

MONOGRAPH.

SARAMAGO E O TRANSIBERISMO

Issue Editor: Víctor Martínez-Gil

Uma jangada e as suas identidades <i>Víctor Martínez-Gil</i>	11
José Saramago: do iberismo ao transiberismo <i>Carlos Reis</i>	17
1986 – O ano da morte da liberdade político-econômica de Portugal: notas críticas em torno do romance <i>A Jangada de Pedra</i> <i>Daniel Vecchio Alves</i>	31
«Olhemos em silêncio, aprendamos a ouvir». O transiberismo saramaguiano e o debate ecocrítico e decolonial <i>Burghard Baltrusch</i>	49
Diálogos impossíveis em tempo de <i>pós</i> . Colocações geográficas e identidades em José Saramago e Ruy Duarte de Carvalho <i>Livia Apa</i>	77

MISCELLANY

Jorge Amado e os escritores africanos de língua portuguesa: mais que um rei, mais que uma lei, mais que uma língua <i>Rita Chaves</i>	91
---	----

A representación en Buenos Aires dun fragmento d'O <i>Mariscal</i> de Cabanillas e Vilar Ponte no marco dun festival de apoio aos sublevados franquistas <i>Carlos-Caetano Biscainho-Fernandes</i>	107
Botar por fóra do texto: hipersexualización e cousificación das poetas galegas <i>Ánxela Lema París</i>	131
A Revolução dos Cravos e as releituras dos mitos nacionais portugueses no Brasil (1974) <i>Thales Reis Alecrim</i>	153
Às margens: a percepção do poder público em <i>Quarto de despejo</i> , de Carolina Maria de Jesus <i>Breno Pentagna</i>	173
Autobiografismo y fototextualidad en la narrativa gallega del siglo XXI: <i>As voces baixas</i> de Manuel Rivas y <i>Virtudes (e misterios)</i> de Xesús Fraga <i>Ruben Venzón</i>	191

OPEN SPACE

Basilio Losada Castro, <i>in memoriam</i> <i>María Xesús Lama, Isabel Soler, Pere Comellas</i>	221
La Biblioteca Nérida Piñón en el Instituto Cervantes de Río de Janeiro <i>Antonio Maura, Carlos Alberto della Paschoa</i>	227
En la muerte de Alan Freeland (1940-2022) <i>Elena Losada Soler</i>	233

REVIEWS

A literatura luso-africana sob o prisma da francofonia <i>Mirella do Carmo Botaro</i>	237
<i>O prego e o rinoceronte</i> ou <i>Un retrato sin pared</i> : resistência e representatividade na literatura brasileira contemporânea <i>Carolina Dutra Carrijo</i>	243
Lectura de <i>Gender, displacement and cultural networks</i> <i>of Galicia</i> <i>Maribel Rams Albuissech</i>	251
Sobre <i>A literatura e o mal</i> <i>Vera Lopes da Silva</i>	257
CALL FOR PAPERS	265
AUTHOR GUIDELINES	267

MONOGRAPH

SARAMAGO E O TRANSIBERISMO

Issue Editor: Víctor Martínez-Gil

UMA JANGADA E AS SUAS IDENTIDADES

VÍCTOR MARTÍNEZ-GIL
Universitat Autònoma de Barcelona

Os artigos do presente monográfico propõem uma nova interrogação sobre o significado do iberismo na obra e no pensamento de José Saramago. Ainda que já tratada, a questão exige ser revisitada continuamente e não admite simplificações. Saramago publicou no ano de 1986 *A Jangada de Pedra*, que talvez seja um romance mais sobre a ibericidade do que sobre o iberismo, mas logo depois, no âmbito discursivo, desenvolveu uma longa conceitualização partindo da palavra *trans-ibericidade* para chegar às implicações políticas do seu pensamento e, primeiro nas traduções para o castelhano dos seus textos e depois em português, ao *transiberismo*. Saramago ofereceu uma fórmula complexa: «O iberismo está morto? Sim. Poderemos viver sem *um* iberismo? Não o creio» (1989: 31). Com estas palavras, parecia assumir uma inevitabilidade: a (quase) obrigação de repensar o iberismo em cada momento histórico. Porque, na verdade, há sempre *um* iberismo, ou antes, um refazer sisífico do debate iberista. Um dos últimos exemplos desse refazer é o livro coletivo *El nuevo iberismo. Iberia redescubierta*, onde Manuel Pimentel Siles defende, contra «un iberismo invasivo» ou «un nacionalismo supraestatal de nuevo cuño», uma «metodología de trabajo y una fraternización empírica y humana entre los pueblos ibéricos» (*apud* González Alcantud; González Velasco [eds.] 2022: 11-12). Não é de surpreender que a introdução do livro, de José Antonio González Alcantud (2022: 21-38), seja feita em nome de «Una libre interpretación de *A Jangada de Pedra*» e sob a figura tutelar de Saramago. Mais do que como doutrina fechada, Saramago entendeu o iberismo, em palavras de 1993 proferidas na conferência «Ibéria entre Europa e América Latina», como «um sentido transiberista da nossa posição no mundo». Tratar-se-ia, acrescentou em 1994 no *Diario de Córdoba*, de «um conceito superador do iberismo tradicional, que englobaria os países de tradição ibérica na América e em África» (*apud* Sáez Delgado 2020: 58).

É bom não esquecer que o princípio de tudo foi um romance. Escrito, sem dúvida, como uma reação à entrada de Portugal e Espanha na Comunidade Económica Europeia, tornada efetiva nesse mesmo ano de 1986, mas também como uma continuação, como já se escreveu, dos valores do 25 de Abril e da autenticidade nacional. Só que, agora, a autenticidade nacional era analisada na

sua (incontornável) dimensão ibérica, e não no passado, mas numa situação de presente e de futuro. Não foi Saramago, porém, o único a reagir à situação em termos de debate iberista. Alguns falaram, e ainda falam, do pós-iberismo, um novo paradigma de colaboração entre dois territórios que, ao final, compartilham dentro dessa Europa muito do que pediam os antigos iberistas (moeda, mercado, etc.). Outros colocaram a questão em termos mais identitários. A entrada na Europa ia converter Portugal numa região espanhola? «A Espanha sempre amada e sempre temida», escreveu Miguel Torga no seu *Diário* no dia 13 de setembro de 1988, e especificou: «O meu iberismo é um sonho platónico de harmonia peninsular de nações. Todas irmãs e todas independentes» (1999: 1637). Ou, talvez, graças também à Espanha autonómica, um novo iberismo podia tornar-se numa derradeira garantia de identidade face aos *europeus*, dado que, segundo Natália Correia, *Somos todos hispanos* (1988)? A escolha de Saramago foi escrever um romance. Aliás, um romance de não fácil classificação, mesmo se comparado com os que já tinha escrito até então. Tem-se falado de um modo fantástico em *A Jangada de Pedra*, onde o acontecimento incrível é o elemento central. Será, então, que Saramago converteu as suas dúvidas ibéricas e europeias em metáfora, em alegoria, em símbolo? Ou em argumento de ficção científica? Podemos afirmar que *A Jangada de Pedra* é uma história política, mas, não o neguemos, têm razão os que defenderam ser esta obra também um grande romance literário. Para já, e além dos outros valores estilísticos comuns à obra do autor, esta assenta numa complexa hibridação genérica: pode ser lida como uma história de ficção científica apocalíptica ou, melhor, pós-apocalíptica, pois a Terra (a Península), é reconstruída (um *futuro fabuloso*, como diz a epígrafe de Carpentier), mas sendo ao mesmo tempo um romance de realismo mágico, e um romance cheio de hipotextos, com uma ou muitas utopias, mesmo que a palavra tenha sido fonte de múltiplos equívocos, também por parte do autor, e é melhor não abusar dela.

A palavra de que gostava Saramago era *alegoria*. Em março de 2003, no congresso internacional *Scrittori e Critici a confronto*, organizado pela professora Giulia Lanciani na Università Roma Tre, o autor dissertou sobre o tema numa palestra com o título: «Dall'allegoria come genere all'allegoria come necessità» (Saramago 2022: 147-156). Aqui e em outros textos, Saramago dividiu a sua obra entre o antes e o depois de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. O *antes* englobaria os romances sobre a identidade coletiva portuguesa —uma identidade que tem de ser entendida num sentido de grupo nacional, sim, mas também de situação social e económica. O *depois*, viria a partir de *Ensaio sobre*

a *Cegueira*, onde estariam os romances alegóricos que visam mergulhar até ao fundo da realidade (da estátua à pedra) sem passar pelo realismo. Saramago identificou a alegoria com uma situação acontecida num lugar mais ou menos indefinido, tal como Kafka nos ensinou a fazer. Isso deixaria fora do género *A Jangada de Pedra*, visto que ela é, obviamente, a Ibéria? Não é assim tão fácil descartar a alegoria em obras que se afastam tanto do realismo. A alegoria de situação, neste caso, não seria a fenda que rasga os Pireneus? No fim de contas, ela é inexplicável e anti-realista, e, em muitos episódios do livro, chega a ser mitológica. O próprio Saramago concordaria com isso anos depois, numa conferência na Facultad de Arquitectura Técnica de Granada, em 2005, como reportam as crónicas da altura: «“Las alegorías”, añadió, “son además imposibles. Es imposible que todo un país pueda quedarse ciego en sólo 24 horas, como ocurre en *Ensayo sobre la ceguera*, y es imposible que la península ibérica se desgarre y se separe de Europa, como ocurre en *La balsa de piedra*”» (apud Arias 2005). As declarações são importantes para alargar o conceito de alegoria, ainda que fique a dúvida de se *A Jangada de Pedra* seria mais impossível que livros anteriores com elementos mágicos ou fantásticos.

Para além do realismo mágico, da mitologia clássica, das lendas ou da ficção científica, cujos códigos estão presentes em simultâneo, há, como disse, outros hipotextos, muito evidentes no livro. Nele é narrada uma viagem. Antes, muitas viagens, pois, como nos adverte o narrador, «cada viagem contém uma pluralidade de viagens» (1986: 253). A principal é a da Península a afastar-se da Europa. Uma ilha, portanto, como no antigo género da viagem imaginária, só que aqui não é Gulliver que vai para Laputa, mas Laputa que vai pelo mundo fora, à procura de uma «posição no mundo». Alguns anos depois, em 1997, a viagem (e não é preciso insistir sobre a importância da viagem, de todas as viagens, na obra de Saramago) foi a de *O Conto da Ilha Desconhecida*. Se, como já vimos, há viagens dentro de cada viagem, enquanto a Península-ilha navega as personagens percorrem-na em busca de explicações e, no fundo, de uma vida mais livre e mais plena. Nesse sentido, *A Jangada de Pedra* apresenta um outro hipotexto, neste caso explícito: o *Quixote*, a figura do cavaleiro andante, e, em geral, os livros de cavalaria. No fundo, as viagens da Península, das pessoas e dos animais, têm o mesmo fim. Há no romance uma relação constante entre o desejo das personagens, o que elas fazem e os sonhos que elas têm (Joana Carda a riscar o chão), e o movimento empreendido pela nova ilha.

As identidades (nacionais, culturais, sociais, pessoais, de classe, de homens e mulheres) procuradas nestas viagens têm o âmbito da Península. No

entanto, não há identidade interna sem os outros, sem as identidades externas (opostas ou complementares), e por isso o livro é, conjuntamente, um exercício de exploração das potencialidades do alargamento e das relações desse âmbito peninsular. Em «Da Estátua à Pedra» (texto que teve a sua origem numa conferência na Università di Torino), escreveu Saramago que com *A Jangada de Pedra* quis propor uma nova área cultural, a do Atlântico Sul, e já não a do Mediterrâneo, que já teria cumprido o seu papel (Saramago 1997). Eis mais um mito explícito do livro: a Península-ilha como uma nova Atlântida. O poeta catalão Jacint Verdaguer, no século XIX, também comparou a Península com uma nova Atlântida, mas essa Atlântida unia, e não afastava, os mares. Isto faz com que *A Jangada de Pedra* não seja um romance fácil de ler para todos os peninsulares. A Península de Saramago não tem em conta que um catalão, apesar dos laços atlânticos, não possa renunciar ao seu ser mediterrâneo (no presente e na história), e que nem um basco nem um catalão possam abandonar mentalmente as terras bascas e catalãs de além-Pirenéus.

Como disse, no entanto, o pensamento saramaguiano não admite simplificações. O seu transiberismo tanto rejeita a Europa como, ao mesmo tempo, a aceita, pois, de acordo com o que disse em 1993 na conferência «Ibéria entre Europa e América Latina» (*apud* Sáez Delgado 2020: 58), o transiberismo só poderá ser alcançado «com a participação de todos os povos e de todas as culturas da Europa», isto é, com uma Europa não eurocêntrica capaz de respeitar todos os seus povos (no romance, podemos ver como a Europa tem saudades da Ibéria). Se o transiberismo procura uma posição cultural no mundo, Saramago falou também da integração política de Portugal na Ibéria. Saramago respeita a pluralidade da Espanha (e as relações intrapeninsulares descritas em *A Jangada de Pedra* são de grande riqueza: aparece mesmo Andorra), e o seu iberismo foi definido como múltiplo e, finalmente, federal, mas não constrói os Pirenéus e o Mediterrâneo como fulcros culturais para o futuro. Mais do que uma doutrina fechada, o transiberismo é, como já vimos, um conceito, é uma jangada a navegar, é uma posição que admite reformulações do seu autor e até mesmo para além do autor. Admite também a discussão. Estamos, assim, perante a originalidade de um *iberismo de deslocação*.

Chegamos agora aos artigos deste monográfico, que constitui a contribuição da revista *Abriu* para a celebração do centenário de José Saramago e que tem a sua primeira origem no Congresso Internacional sobre Saramago e o transiberismo organizado pela Cátedra José Saramago da UAB na Biblioteca Jaume Fuster, amavelmente disponibilizada por Biblioteques de Barcelona, nos dias 9-11 de

março de 2022. São trabalhos que exploram as dimensões das identidades ibéricas com relação ao que fica fora da jangada, e aparecem publicados seguindo uma ordem que vai da introdução geral do tema aos âmbitos tratados. Assim, em primeiro lugar, «José Saramago: do iberismo ao transiberismo», de Carlos Reis, coloca Saramago na tradição iberista, especialmente a partir de Miguel Torga, e salienta a sua originalidade (ficcionalização, viagem com destino por definir, vocação do Sul). A seguir, Daniel Vecchio Alves, em «1986 – O ano da morte da liberdade político-económica de Portugal: notas críticas em torno do romance *A Jangada de Pedra*», explora a oposição de Saramago ao conservadorismo e às políticas económicas da Comunidade Económica Europeia. O artigo analisa o uso do insólito em *A Jangada de Pedra* e demonstra que a identidade ibérica, feita de identidades, seria uma forma, para Saramago, de enfrentar a globalização. Os outros artigos confrontam o transiberismo com os mundos americano e africano e com os estudos pós-coloniais e o pensamento decolonial. Em que medida seria o transiberismo flexível? Poderá ser visto como um ponto de partida? Terá uma relação com a lusofonia? Conservará heranças coloniais? Burghard Baltrusch, em «“Olhemos em silêncio, aprendamos a ouvir”. O transiberismo saramaguiano e o debate ecocrítico e decolonial», interroga-se sobre qual o papel do transiberismo na construção do sujeito e sobre as suas futuras relações com a ecocrítica e o decolonialismo. Pela sua parte, Livia Apa, em «Diálogos impossíveis em tempo de *pós*. Colocações geográficas e identidades em José Saramago e Ruy Duarte de Carvalho», examina as contradições colonialistas que possam estar presentes no transiberismo. O caminho traçado pelos artigos mostra como Saramago, ao transformar o velho iberismo, criou um conceito literário e teórico que, mesmo querendo ver nele limites e contradições, é para nós, no século XXI, um impulso para pensarmos, não só a «nossa posição no mundo», mas a posição do mundo.

FINANCIAMENTO

Este trabalho desenvolve-se no âmbito do projeto: Grant I+D+i PID2021-122535NB-I00 funded by MCIN/AEI/10.13039/501100011033 and by «ERDF A way of making Europe».

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIAS, Jesús (2005). «Saramago reivindica el regreso al uso de la alegoría en la literatura». *Granada Hoy*, 22-abril [em linha] [9 maio 2023]. <<http://newcanalugr.ugr.es/wp-content/uploads/2005/04/pdf2607.pdf>>.
- CORREIA, Natália (1988). *Somos todos hispanos*. Lisboa: O Jornal.
- GONZÁLEZ ALCANTUD, José Antonio; GONZÁLEZ VELASCO, Pablo (eds.) (2022). *El nuevo iberismo. Iberia redescubierta*. Córdoba: Almuzara.
- SÁEZ DELGADO, Antonio (2020). «José Saramago, transiberista». C. Reis (org.). *José Saramago. Nascido para isto*. Lisboa: Fundação José Saramago, 47-61.
- SARAMAGO, José (1986). *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (1989). «Acerca do (meu) Iberismo». *Encontros/Encuentros: Revista Hispano-portuguesa de Investigadores en Ciencias Humanas y Sociales*, 1, 29-31.
- SARAMAGO, José (1997). «Da Estátua à Pedra – O autor explica-se». Fundação Saramago – Conferências [em linha] [9 maio 2023] <<https://www.josesaramago.org/conferencia/da-estatua-a-pedra-o-autor-explica-se/>>.
- SARAMAGO, José (2022). *Lezioni italiane*. G. de Marchis (ed.). Roma: La Nuova Frontiera.
- TORGA, Miguel (1999). *Diário. Vols. IX a XVI*. Lisboa: Dom Quixote.



Copyright © 2023. This document is under a Creative Commons Attribution-Non commercial-No Derivative Works 3.0 Unported License. To see a copy of this license click here <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/legalcode>.

JOSÉ SARAMAGO: DO IBERISMO AO TRANSIBERISMO

CARLOS REIS
Universidade de Coimbra

RESUMO: Neste artigo procede-se a um confronto de posições acerca do iberismo, partindo-se de Miguel Torga e dos seus *Poemas Ibéricos* (1965). O ponto de chegada deste trajeto é o romance *A Jangada de Pedra* (1986), de José Saramago. Transita-se, assim, da noção de iberismo para o conceito de transiberismo, no quadro de uma abordagem assumidamente parcelar; tal abordagem tem em conta transformações históricas e políticas que, no final do século xx, vão além do cenário vivido por Torga. Emerge, então, em José Saramago, uma progressiva preocupação com o iberismo, traduzida em diversos textos ensaísticos que se sucedem ao romance *A Jangada de Pedra*, como que explicitando e aprofundando os grandes sentidos que nele são representados. Assim, tal como foi sendo elaborado por Saramago, o projeto transiberista reporta-se a uma realidade geoestratégica a vir, motivada por aquilo a que o romancista chamou a «vocação do Sul» das nações ibéricas.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago; Miguel Torga; iberismo; transiberismo; *A Jangada de Pedra*.

JOSÉ SARAMAGO: DE L'IBERISME AL TRANSIBERISME

RESUM: En aquest article es confronten posicions al voltant de l'iberisme partint de Miguel Torga i dels seus *Poemas Ibéricos* (1965). El punt d'arribada d'aquest trajecte és la novel·la *A Jangada de Pedra* (1986), de José Saramago. Es transita, així, de la noció d'iberisme cap al concepte de transiberisme, en el context d'un enfocament que s'assumeix com a parcial i que té en compte transformacions històriques i polítiques que, al final del segle xx, van més enllà de l'escenari viscut per Torga. Emergeix en José Saramago, per tant, una progressiva preocupació per l'iberisme, traduïda en diversos textos d'assaig que sorgeixen després de la novel·la *A Jangada de Pedra*, els quals expliciten i aprofundeixen els grans sentits que s'hi representen. Així, tal com el va elaborar Saramago, el projecte transiberista es relaciona amb una realitat geoestratègica futura, motivada per allò que l'escriptor va anomenar la «vocació del Sud» de les nacions ibèriques.

PARAULES CLAU: José Saramago; Miguel Torga; iberisme; transiberisme; *A Jangada de Pedra*.

JOSÉ SARAMAGO: FROM IBERISM TO TRANS-IBERISM

ABSTRACT: This paper confronts different positions on iberism, starting with Miguel Torga and his *Iberian Poems* (1965). The point of arrival of this journey is the novel *A Jangada de Pedra* (*The Stone Raft*) (1986), by José Saramago. We thus move from the notion of Iberism to the concept of trans-Iberism, within the framework of an approach that is assumed to be piecemeal; such an approach takes into account historical and political transformations that, at the end of the twentieth century, go beyond the scenario experienced by Torga. José Saramago's progressive concern with Iberism emerges, then, in a number of essayistic